

## Parangolixo

### Daniel Belion

Uma experiência transnacional, em nosso de grandes territoriais proporções país, é sem dúvida, engrandecedora.

Ter contato com universitários e o povo de vários estados é também parte dessa façanha multicultural. E é desse contado com o cotidiano local e com a “gente do bairro”, aparentemente, extraoficial ou extra-curricular, que se pode, muitas vezes, realmente participar de um material cultural “verdadeiro”, digno das questões mais comuns – como a pobreza e a violência – assim como a apatia das instituições universitárias e da arte diante delas.

A Universidade Federal “de Belém” do Pará tem seu *campus* margeado, de um lado, pela imponente grandeza sublime do rio Guamá, marcado pela navegação e pela pororoca. Pelo outro lado, a UFPA, tem como vizinhos, cerca de 250 mil habitantes. Marcado pela pobreza e pela violência sem controle, o Guamá é considerado o bairro mais populoso e mais perigoso de Belém. É inevitável não começar por esse tema, pois tirando a viagem de dois dias e meio de ônibus (que também é uma história à parte), foi assim que começou nosso contato com o Enearte, pois, logo que chegamos nas proximidades do *campus*, era explícita a situação arquitetural característica dos guetos...

Muitas construções ainda usando madeiras; a um palmo de altura da porta: um valão, que segue por toda a extensão de quilômetros de uma via principal; palafitas, grades, muitas grades, cadeados e correntes... e pessoas... muitas pessoas... e lixo... muito lixo.

Arte, educação, cotidiano.

E chegamos na universidade... O guarda da guarita abriu o portão para o ônibus entrar e fomos conduzidos por um carro da segurança, espécie de escolta, até o Instituto de Artes... Lá fomos recebidos, e o clima, como não poderia deixar de ser (já que em geral é o que ocorre em congressos, fóruns e seminários nacionais) é sempre de festa... Discussões, práticas e decisões, atreladas a relacionamentos com semelhantes de profissão, campos de interesse ou níveis sociais; uma delícia...

Outro clima é de vapor e calor constante, indicando possivelmente as proximidades da linha do equador e da “grande floresta” ou, como se constatou, da “chapa quente” que rodeava...

No primeiro informe geral, no local de refeições do evento, foi-nos comunicado que era extremamente perigoso sair das instalações da universidade para os locais adjacentes, como também não se deveria “facilitar” com algumas embarcações que margeavam a universidade, pois já tinham ocorrido alguns delitos praticados por indivíduos seus usuários; outra questão dizia respeito a não correr à noite dentro do *campus*, pois os seguranças seriam autorizados a utilizar armas de fogo contra possíveis invasores que porventura saíssem correndo. E não eram exagerados os avisos, pois eu poderia aqui relatar três exemplos, um deles diz respeito a um grupo de alunos do Rio Grande do Norte, que chegou antes das outras delegações, tendo decidido sair em busca de um bar nas proximidades; a própria dona do estabelecimento pediu que eles se retirassem devido aos perigos do bairro, já que por suas características exóticas seriam facilmente alvo de delitos; ofereceu até carona, para que eles não fossem sozinhos, posto que começava a entardecer...

.....

As oficinas e experiências desenvolvidas no evento foram as mais diversas: música, teatro, *performance*, moda, educação, cultura... A oficina que apresentei tinha como tema: “Objeto Artístico e Inserção em Circuitos Ideológicos”; utilizamos o texto de Cildo Meilares como ponto deflagrador, que, somado à experiência de cada participante e área de atuação, desenvolvia um trabalho para ser realizado, ou pensado, individualmente ou com ajuda do grupo. Foram 30 participantes, desenvolvidas 10 ideias e seis delas realizadas. Igualmente foram trabalhadas questões já discutidas por outros artistas; os “Palindromos” de Luis Andrade, carimbados em alguns locais da universidade, foi um dos trabalhos apresentados; ou as frases, siglas e palavras colocadas nas quentinhas e frutas que recebíamos diariamente durante os sete dias de nossas refeições coletivas.

.....

Durante a semana as ideias foram se desenvolvendo, algumas já sendo executadas, mas foi no último dia da oficina que aconteceu a apoteose das questões tratadas. Um dos participantes tinha como trabalho uma proposta muito “simples” – coletar lixo e prender ao seu corpo; providenciamos barbantes e fitas e saímos, em direção ao mercado popular, do bairro do Guamá. O “lugar perigoso”. No começo tudo parecia “normal e sob controle”, o lixo foi-se acumulando, e o sujeito, objeto de trabalho, homem lixo, parangolixo, foi-se estruturando, indivíduo arquitetura.

Como alguns de nós estávamos participando, ajudando, colocando os “materiais lixo” sobre ele, ou filmando o ato, o contato com os possíveis “fruidores ou espectadores” se dava já por uma intermediação de “espetáculo cultural”, ou seja, as pessoas já sabiam que “aquilo” possivelmente se tratava de uma “coisa de artista”, ou algo assim. Porém o mais forte momento, o devir espontâneo e inesperado que legitimizou a *performance* em sua ação fora de conduta, ainda estaria por vir.



Foto: Daniel Lopes

Quando já estávamos dando por encerrados os trabalhos do “homem lixo”, voltando algumas quadras, nos encontramos diante de uma Unidade de Atendimento ao Cidadão – um órgão da prefeitura – instintivamente foi para lá que se conduziu o “parangolixo”, perguntando aos atendentes, diante das fileiras de cadeiras lotadas por cidadãos do bairro do Guamá, se alguém poderia recebê-lo e o ajudar dizendo onde deveria jogar todo aquele lixo. Ficou um silêncio, meio mal-estar... ao mesmo tempo, levemente engraçado, pois já assimilado pelo caráter espetacular causado possivelmente pela atenção de algumas câmeras e caras burguesas, mas não menos desconfortante e tenso; pudesse ele estar sozinho, mas se assim fosse não poderíamos registrar o momento (particularmente penso que valeria a pena perder o registro e ter um aspecto ainda mais forte do volátil e etéreo fator performático). Fomos tirando o lixo do corpo do cidadão e colocando nas lixeiras das salas de atendimento e de espera, saímos e retornamos à universidade.

.....

Em nosso espaço “carioca”, também é comum notar as proximidades e distanciamentos, das instituições de ensino, das “favelas”. Afinal, existem comunidades em todo o nosso

território, próximas de tudo, não só das universidades, de qualquer lugar, integradas à sociedade, quer queiram, quer não queiram. Pensando em termos de uma cidade já “Partida”, está tudo a nossa volta, ao nosso lado e parece que acreditamos que os trabalhos que estamos fazendo dentro da universidade, algum dia serão úteis para a melhoria, bom, do bem-estar social e da comunidade. Nos convencemos de que estamos agindo por uma causa nobre, grupal, fazendo a nossa parte? Ou só queremos mesmo saber de nós mesmos?

.....

Nossa universidade, com sua política de cotas, executa, ainda que sem unanimidade de pensamentos e muito ainda a se discutir, o pragmatismo necessário para sair de uma inércia social e isso fiz questão de atentar, sutilmente, na plenária de abertura, já que em determinado momento, de uma maneira logicamente impossível, estávamos ali, 14 graduandos de artes da UERJ, representando os estudantes de arte do estado do Rio de Janeiro. Mas atentamos também que representávamos nós mesmos, não cremos mais em uma representação eleitoreira, intitulada política democrática, em que se elegem vereadores e deputados, acreditando que estamos sendo representados em nossos ideais. Sobre como andam as coisas no Rio? (Uma outra pergunta da mesa.) Basta ligar a televisão, alguma novela da Globo informará.

.....

Já chegando na Cidade Maravilhosa novamente, mais ainda no ônibus, nos deparamos com as viaturas da polícia carioca, embaixo de viadutos e protegidas por suas colunas de concreto... uma verdadeira instalação...

VIVA A POLÍCIA CARIOCA!!! Gritei...

VIVAAAA!... inesperadamente responderam...

**Daniel Belion** (UERJ, Rio de Janeiro, Brasil) é artista plástico, músico, guia de turismo, técnico em marketing cultural e produção de eventos ESPM/RJ e graduando em bacharelado e licenciatura em artes plásticas do Instituto de Artes da UERJ. / [danielbelion@hotmail.com](mailto:danielbelion@hotmail.com)